

## UMA VIAGEM PELOS FRAGMENTOS DE GALÁXIAS, DE HAROLDO DE CAMPOS

ANTONIA MARLY MOURA DA SILVA CRUZ\*

O presente trabalho tem como propósito a tentativa de leitura de três fragmentos de *Galáxias* de Haroldo de Campos: *e começo aqui* (18.11.63) - o primeiro fragmento do livro - *o que mais vejo aqui* (18.11.67) e *fecho encerro* (nov 75/mar 76), o último fragmento do livro.

*Galáxias* é um livro escrito através dos anos, como mostra o índice dos fragmentos que compõem a obra. Poderíamos descrevê-lo como um **não-livro** uma vez que a forma eleita para a escritura não permite que o identifiquemos como livro no sentido tradicional do termo; o estilo do autor não obedece aos padrões convencionais de escrita - a obra não apresenta pontuação, nem numeração de páginas; além do mais, toda a escritura é composta de letras minúsculas.

A obra é constituída de cinquenta fragmentos: o primeiro identifica-se como elemento de abertura, como evidencia seu título - *e começo aqui* - esse fragmento funciona como a chave para o entendimento de todos os textos. Cada parte apresenta sempre um mesmo aspecto: um círculo que começa e acaba.

*e começo aqui e meço aqui este começo e recomeço e  
remeço e arremesso/ e aqui me meço quando se vive sob a  
espécie da viagem o que importa/ não é a viagem mas o  
começo da por isso meço por isso começo escrever*

Convém assinalar que para obedecer as normas para apresentação deste trabalho, tivemos que desestruturar as citações do texto de Haroldo de Campos.

---

\* Mestranda do Programa.

Nesse trabalho, as citações de *Galáxias* apresentam travessões no interior do texto para indicar o final da linha, tal como é construído no original.

## A ESCRITURA COMO NECESSIDADE

Nesse fragmento o autor coloca a problemática do ato de escrever. O escritor é escravo de sua própria escritura.

*recomeço por isso arremeço por isso teço escrever sobre  
escrever é/ o futuro do escrever sobrescrevo sobrescravo  
em milumanoites milumapáginas/ ou uma página em uma  
noite que é o mesmo noites e páginas*

O primeiro fragmento de *Galáxias* - *e começo aqui* - é um texto configurado poeticamente como toda a obra em questão, enfatiza a dificuldade do começo de uma escritura. Para manifestar essa dificuldade, o autor inicia o texto sete vezes: na primeira linha lê-se: *é começo aqui*; na terceira linha há um corte que indica um outro começo:

*o começo da por isso meço por isso começo escrever*

A linha dez apresenta a terceira tentativa - *por isso começo descomeço* - na linha quatorze, temos a quarta tentativa, *por isso começo pois a viagem é o começo*. No final da linha vinte e três e início da linha vinte e quatro, usando uma outra forma de expressão, temos uma suposta **conversa** do escritor com seu leitor. Nesse momento, o poeta assinala que ainda não começou seu texto. Diz ele: *por isso não conto*, é a quinta tentativa do começo, é o não contar de uma estória que se conta. Na linha trinta e dois, mais uma vez lê-se: *e aqui me meço e começo*. Ainda, no final da linha trinta e seis, a mesma insistência com a questão - *começo re começo*. Finalmente, somente no final da última linha, o escritor anuncia o começo de uma estória que se dará oralmente, *e conto as favas pois começo a fala*.

Haroldo de Campos faz da palavra o objeto do seu livro.

*De um modo icônico, o objeto sobre o qual o poema fala está na diagramação do texto, o objeto nasce no texto (Campos, 1984, p. 39).*

Assim, o autor de *Galáxias* constrói um texto que fala dele próprio; através de palavras usuais, reinventa novas possibilidades, em termos de criação textual, para obter valores e significados não-verbais a partir da substituição de fórmulas verbais.

A atitude de criação de palavras mostra a preocupação de relacionar o som e o sentido da palavra. Segundo Paul Valéry focaliza

*o poeta brigando com a matéria verbal, obrigado a especular sobre o som e o sentido ao mesmo tempo; a satisfazer não somente a harmonia, o período musical, mas também as condições intelectuais e estéticas variadas, sem contar as regras convencionais. (p. 211).*

É na grande oscilação de valores e na apresentação ambígua de idéias que o escritor instaura a modernidade do texto. As palavras não justificam as palavras; é preciso procurar suas razões alhures e sobretudo num outro sentido. O autor parece querer desviar a atenção do leitor comentando a própria escritura.

## A VIAGEM

Em *Galáxias* o texto não só trata do tema da viagem, mas o opera metalingüisticamente. O tema é dito e estruturado na feitura do texto. É **dizer** a viagem e, sobretudo, **mostrar** o que o autor está dizendo. A viagem configura-se na mudança de página - ao virarmos a página, mudamos de assunto e de **contexto**. Assim, a página apresenta-se como o suporte para a travessia do código poético. A mistura de línguas, por sua vez, manifesta o transportar-se para um novo ambiente, indica a viagem como tema central de *Galáxias*.

Chalhub assinala que:

*Haroldo de Campos, em suas Galáxias viaja no caracol de sua própria viagem, a escritura, o sobrescrever. Narrativa ou poesia? Nem um nem outro, ambas, isto é, enredo fragmentado é a viagem como livro, o livro como viagem.*

*Pode ser lido do começo, do meio, do fim, pode-se inverter, pode-se ritmar. Cada página é ela e as outras. Corte e montagem, técnica cinematográfica. Procedimentos vários. No percurso da viagem, as dicções presentes: um Joyce, Guimarães Rosa, Oswald cubista, Machado de Assis, Mallarmé e outros ainda. (p. 61).*

A viagem é o pano de fundo de vários fragmentos, como, por exemplo, em *um depois um* (3.3.65). Logo no início do fragmento, pressupomos a construção do ritmo da passagem do trem; nessa linha e nas demais, o leitor pode construir a idéia do texto de acordo com a pausa que dá à sua leitura.

*um depois um depois um outro outro um depois um outro  
outro um não muitos*

A musicalidade e a sonoridade que permeiam o texto mostram a presença de elementos simbolistas que lembram um pouco do estilo de Mallarmé. Poderíamos pensar as páginas como partituras oferecidas ao leitor. O leitor de *Galáxias*, portanto, é um leitor de partitura, um leitor músico e também um leitor viajante.

Nesse fragmento, pressupomos que a insistência nas palavras *viagens* e *viajantes* enfatizam o desejo do autor de focalizar o tema da viagem. Nas linhas onze, vinte e sete e quarenta, o escritor refere-se aos viajantes de trem.

*onde sentam viajantes em trânsito onde você se senta para  
o trem que espera.  
transeuntes esperam trens como você espera só que você os  
escreve nesta  
mesmas amarelas mesas amarelas na espera de nenhum  
trem pois a polícia*

Campos encerra esse fragmento chamando-o de *guia de viagem*, nas linhas quarenta e um e quarenta e dois:

*foi-se foi-se a ronda de polidos talabartes e escudos  
brunidos e enquanto/você lê esse guia de viagem enquanto  
o senhor de óculos sorri para a*

Haroldo de Campos atua como o Ulisses da palavra, é aquele que viaja e faz do seu leitor um viajante.

A viagem em *Galáxias* tem por finalidade a tentativa de sair do mundo das formas e das sombras.

## A METALITERATURA

O autor de *Galáxias* está sempre articulando um jogo com a palavra, impregna a tarefa poética de *dar a sensação de união íntima entre a palavra e o espírito*, como assinala Valéry. (1991, p. 214).

Em *Galáxias*, seu autor faz da aparente ausência de organização, o princípio de organização do texto, e esse princípio funciona em todos os níveis, principalmente no nível da combinação das palavras. A mudança de folha marca a mudança de tema e justifica a ausência de continuidade.

O fragmento *o que mais vejo aqui* é um texto metaliterário; grande parte das idéias evocadas apresentam a palavra como objeto - a lógica da escritura é o tema central do texto.

## A PALAVRA E O SILÊNCIO

No primeiro fragmento de *Galáxias* - *o que mais vejo* - a palavra diz, com rigor, o que em seu vigor é indizível. Porém, só conseguimos apreciá-la se estivermos atentos ao sentido evocado. Haroldo de Campos parece querer focalizar a obliquidade da linguagem, por isso, manifesta a idéia de indissolubilidade entre som e sentido, entre palavra e silêncio.

Nesse fragmento, o silêncio também é signo, dele ecoam distintas e diversas possibilidades significativas.

*o que mais vejo aqui neste é o vazio do papel se  
redobrando escorpião/ de palavra que se reprega sobre si  
mesmo e a cárie escancária que faz/ quando as palavras  
vazam de seu vazio o escorpião tem uma unha aguda de/  
palavras e seu pontão ferra o silêncio unha o silêncio uno  
unho escrever sobre o não escrever*

Nós, enquanto leitores, nos perguntamos se as palavras, efetivamente, querem dizer o que parecem dizer, uma vez que, de acordo com o autor de *Galáxias*, as palavras não dizem, sonégam:

*por onde passa o vazio o que mais vejo aqui neste papel é o  
calado/ branco a córnea branca do nada que é o tudo  
estagnado e a fábrica de/letras dactiloletras como um lodo  
assomado mas por baixo é o calado/do branco não tocado  
que as letras dactilonegam negram sonégam*

O fragmento *o que eu mais vejo aqui*, enquanto metapoema, instaura a intenção libertadora da poesia através do silêncio da palavra. A poesia toma consciência de si mesma, o poeta volta-se para o seu próprio fazer poético.

Antes de procurar os sentidos profundos de *Galáxias*, a melhor atitude do leitor é interrogar-se sobre as razões que levaram Haroldo de Campos a dessacralizar a feitura do seu texto. Provavelmente o leitor chegará à conclusão de que o texto desse escritor não é propriamente expressão, mas, de certo modo, o sintoma do que diz a escritura. O texto se faz **extexto**, vazio, ligado à ausência de sentidos. O vazio do papel é entendido como o silêncio que é atingido pela palavra.

*sobre o não escrever e quando este vazio mais se densa e  
dança e tensa/ seus arabescos entre escrito e excrito  
tremendo a treliça de avessos/ branco excremento de  
aranhas supressas suspensas silêncio onde o eu se*

O efeito de abstração é obtido pelo aparecimento das idéias evocadas nas linhas abaixo:

*as garras e da fábula só fica o finar da fábula o finir da  
fábula o/ finíssonos da que em vazio transvasa o que mais  
vejo aqui é o papel que/ esculpo a polpa das palavras do  
papel*

O texto não considera a fraqueza fortuita dos meios que deveriam levar-nos ao sentido final.

Em *o que mais vejo aqui*, o autor escreve sobre o nada, sobre o vazio, o silêncio, o próprio texto ausente. Haroldo de Campos, para se referir aos aspectos diferentes da escritura e evidenciar as várias razões da

obscuridade, fornece ao leitor o princípio abstrato que o induz ao que se chama idéia temática desse fragmento. Enfatiza, sutilmente, que é preciso ler o texto renunciando à procura do sentido nas palavras impressas, mas buscando-o nas palavras não ditas:

*e se você quer o fácil eu requeiro o difícil e se o fácil te é grácil/ o difícil é arisco e se você quer o visto eu prefiro o imprevisto e/ onde o fácil é teu alibi o difícil é meu risco pensar o silêncio que/trava por detrás das palavras pensar este silêncio que cobre os poros/ das coisas como um ouro e nos mostra o oco das coisas que sufoca desse*

Há uma dialética na formação das imagens evocadas; elementos desaparecem em função de uma nova realidade, o que significa que o discurso desse fragmento passa a apresentar maior imprevisibilidade e uma dose maior de polissemia e plurissignificação.

Assim, em *o que mais vejo aqui*, o leitor se depara com uma realidade em que ele deve ajudar o autor a construir. Haroldo de Campos liberta seu leitor e rompe violentamente os limites entre o significado e o significante. *o que mais vejo aqui* trata da grande oscilação da escritura: o escrever e o não-escrever, o dito e o não-dito, o nada que é tudo... algumas das preocupações da pós-modernidade.

### Em Galáxias

*aquilo que se queria "dizer" não é senão a máscara por sob a qual se esconde a insuficiência do código utilizado. A poesia já não é portanto, arte da linguagem: o seu módulo passa a ser "anti" por excelência. Negando-se, para afirmar o espaço que ficou por preencher. O espaço repleto de nada, ou antes, o esvaziamento de um espaço tolhido pelos encolhos de uma tradição que se tenta recusar mas que se infiltram traiçoeiramente pelas frestas da própria linguagem (Barbosa, 1974, p.108).*

*Galáxias* é um livro que acaba com a possibilidade de existência do livro. O estilo do autor nos leva à seguinte indagação: o que fazer com as palavras que não são palavras, com as palavras **sem conteúdo**?

Entendemos que o sentido do texto não está nas palavras impressas, estas são apenas linhas de palavras. O sentido deve ser procurado nas palavras que não foram ditas, nas ausentes. Os elementos do texto

derivam de elementos quaisquer do simbolismo universal, da psicanálise da alquimia...

Pressupomos que o último fragmento de *Galáxias* é escrito com o intuito de encerrar o livro: fecho encerro reverbero aqui me fino aqui me zero

Porém, quanto mais o autor tenta fechar o livro, mais ele teima em abrir, em continuar:

*e enquanto somes ele te consome enquanto o fechos a  
chave ele se/ multiabre enquanto o finas ele translumina  
essa linguamorta essa*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, J. A. Silêncio e palavra em Carlos Drummond de Andrade. In: \_\_\_\_: *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- CAMPOS, H. *Galáxias*. São Paulo: Libris, 1984.
- CHALHUB, S. *A metalinguagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- VALÉRY, P. Poesia e pensamento abstrato. In: BARBOSA, J. A. (Org.) *Variedades*: M. M. de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1991.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- MERQUIOR, J. G. Aranha e abelha: para uma crítica da ideologia pós-moderna. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, v. 2, n.5, p. 22-27, 1986.
- ROUANET, S. P. A verdade e a ilusão do pós-modernismo. *Revista do Brasil*. Rio de Janeiro, v.2, n. 5. p. 25-53. 1986.